



*Materialidade arqueológica:  
entre a Geografia e as  
Sociedades Humanas*

# INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO ANTIGO HOSPITAL DE NOSSA SENHORA DA ANUNCIADA, EM SETÚBAL: A PLANTA QUINHENTISTA

## ARCHAEOLOGICAL WORK IN THE FORMER HOSPITAL OF NOSSA SENHORA DA ANUNCIADA, IN SETÚBAL: THE FIFTEENTH CENTURY PLAN

Recebido a 18 de maio de 2021  
Revisto a 05 de julho de 2021  
Aceite a 20 de julho de 2021

**Carlos Fernando Russo dos Santos**

(Pároco da Quinta do Conde, Nossa Senhora da Boa Água e Nossa Senhora da Esperança)  
[pecarlos.russo@gmail.com](mailto:pecarlos.russo@gmail.com)

**Raquel Florindo**

(Técnico Superior na área dos Recursos Humanos na Junta de Freguesia de Benfica)  
[zegre@hotmail.com](mailto:zegre@hotmail.com)

**José Luís Neto**

(Investigador do Centro de Estudo de Ciências da Arte e do Património da Faculdade de  
Belas-Artes da Universidade de Lisboa)  
[jlneto77@gmail.com](mailto:jlneto77@gmail.com)

### Resumo

Pretende-se, com o presente texto, dar a público a planta do antigo hospital feminino de Nossa Senhora da Anunciada, em Setúbal, na sua existência quinhentista, que pese embora já tenha sido alvo de várias publicações, por uma ou outra razão, ainda não tinha sido divulgada. A obtenção dos vestígios arquitetónicos ora apresentados resultou de uma campanha arqueológica de emergência, realizada em curto espaço de tempo, tendo exumado uma área urbana de cerca de 300 m<sup>2</sup>, permitindo ver as fundações do edifício mandado erigir por D. João III, após o terramoto de 1531 e que funcionou até ao terramoto de 1755, que o arrasou por completo.

*Palavras-chave:* Confraria; Arqueologia de período moderno; Arqueologia em Setúbal; arquitetura hospitalar.

### Abstract

The main goal of this paper is to present a short notice of the architectural plan of the feminine hospital of Our Lady of Anunciada, in the city of Setúbal, rebuilt in the XVI century. The excavation records already exist, and have been amply published, however the results we present are part of an emergency archaeological intervention that was made in a very short period of time. The archaeological work affected an urban area of around 300 square meters and allowed the recording of the building's foundations. The hospital was built by royal decree of D. João III, after the 1531 earthquake, and was functional up to the 1755 earthquake, which shattered it and left it ruined.

*Keywords:* Brotherhood; Postmedieval archaeology; archaeology in the city of Setúbal (Portugal); hospital architecture.

Apesar de aparentemente publicada e publicitada de forma suficiente, a intervenção arqueológica que decorreu no antigo hospital da Confraria de Nossa Senhora da Anunciada, em Setúbal, carece, no nosso entender, de mais um público apontamento. Essa intervenção decorreu entre fevereiro e junho de 2006, tendo originado um livro intitulado *Nossa Senhora da Anunciada. Devoção e História no povo de Setúbal*, coordenado por Carlos Fernando Russo dos Santos, editado pelas Paulinas, nesse mesmo ano.

Dois anos volvidos, numa parceria entre a Diocese de Setúbal e a Câmara Municipal, realizou-se uma exposição, comissariada por Fernando António Baptista Pereira, Carlos Fernando Russo dos Santos e José Luís Neto, intitulada *Setúbal e a Senhora da Anunciada*, que decorreu na segunda metade do ano, na Cúria Diocesana de Setúbal.

Nesse mesmo ano, no *1.º Encontro de Arqueologia e Autarquias*, que ocorreu em setembro, promovido pela Associação Profissional dos Arqueólogos e pela Câmara Municipal de Cascais, aí se apresentou novo contributo com *Oito séculos de história sagrada, de sede de confraria a museu da Diocese de Setúbal*, da autoria de Carlos Fernando Russo dos Santos, Patrícia Trindade Coelho, Fernando António Baptista Pereira e José Luís Neto.

Em 2015, Nathalie Antunes-Ferreira apresentou a sua dissertação de doutoramento em antropologia, especialidade em antropologia biológica e etnoecologia, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, intitulada *Antropologia Funerária e Paleobiologia das Populações Pós-Medievais Portuguesas: Os Casos de Nossa Senhora da Anunciada e Espírito Santo*, fechando o ciclo referente a uma intervenção arqueológica realizada em poucos meses, quase uma década antes.

Contudo, apesar de constar no relatório final da referida intervenção arqueológica, faltou tornar pública a planta do hospital e a proposta interpretativa da mesma, no período que medeia o terramoto de 1531, que havia obrigado à reconstrução total do edifício tardo-medieval e o terramoto de 1755, que, por sua vez, destruiu o imóvel quinhentista por completo.

A devoção em torno de Nossa Senhora da Anunciada remonta ao ano de 1235 ou 1260, dependendo dos autores. É difícil precisar, uma vez que se trata de um episódio de devoção popular que, somente mais tarde, foi passado a escrito. No arrabalde ocidental

do centro urbano de Setúbal, denominado de Troino, amontoavam-se, em casas palhaças, os economicamente excluídos das riquezas do renovado burgo, ainda nos alvares da revolução urbana e litorânea, que haveria de marcar o país nos cem anos seguintes. Em seu humilde tugúrio, uma mulher pobre, procurava algum conforto nas chamas da lareira, ateadas com os madeiros colhidos na praia defronte, levados até lá pela corrente do rio. Consolo único das suas dores, de tanta solidão num espaço cheio de gente, nessas coisas da alma humana meditava circunspectamente, quando reparou que um cavaco saltava, fugindo da voracidade das labaredas. Apanhou-o e, de novo, o lançou ao lume e, para seu espanto, de novo de lá saltou. Decidida, apanhou-o e novamente o atirou. De novo de lá saiu. Colocando-o nas suas calejadas mãos, olhou-o com atenção e então viu. Tratava-se de uma imagem de Maria, com a terça parte de um palmo. “Milagre”, gritou comovida, “louvada seja Nossa Senhora”. Acorreram os vizinhos e logo se desenvolveu forte devoção à miraculosa imagem da Virgem que saltara das chamas.

Com a esmola dos inúmeros fiéis foi construído um modesto templo, dedicado à Santa Mãe de Deus, tendo sido, ao longo dos tempos, reestruturado e, sobretudo, enriquecido pelo rei Venturoso. Poder-se-ia afirmar que o culto de Santa Maria da Anunciada já se encontrava bem arraigado nas gentes de Setúbal no início do século XIV. Podemos concluir que a Igreja e Confraria colocadas sob o patrocínio de Nossa Senhora da Anunciada, existiam com toda a vitalidade, o que levou os confrades a rasgar horizontes mais largos, pondo em prática as obras de misericórdia, construindo um hospital para doentes e também um lugar de acolhimento para os peregrinos.

Encontramos disseminados, por vários arquivos, documentos que nos demonstram a singular importância do culto a Nossa Senhora da Anunciada, na vila de Setúbal, durante todo o século XV e XVI. Em dezembro de 1462 o infante D. Fernando mandou, por alvará, revogar o contrato de doação feito em sesmaria a Lourenço Vicente, do chão fronteiro à Igreja, uma praia apaulada ou sapal, e aí mandou fazer a porta principal do templo. A 6 de novembro do ano de 1494, o mestre da Ordem de Santiago, D. Jorge de Lencastre, proibiu a construção de casas no Largo da Anunciada, “visto que a Confraria tem conta de certa praia” diante da sua Igreja. Grande devoção nutriu por Santa Maria da Anunciada o infante D. Fernando, duque de Viseu e Beja, governador da Ordem Militar de Santiago e pai de D. Manuel, que fez a esta Igreja e à sua confraria inúmeras doações.

Encontramos disseminados, por vários arquivos, documentos que nos demonstram a singular importância do culto a Nossa Senhora da Anunciada, na vila de

Setúbal, durante todo o século XV e XVI. Em dezembro de 1462 o infante D. Fernando mandou, por alvará, revogar o contrato de doação feito em sesmaria a Lourenço Vicente, do chão fronteiro à Igreja, uma praia apaulada ou sapal, e aí mandou fazer a porta principal do templo. A 6 de novembro do ano de 1494, o mestre da Ordem de Santiago, D. Jorge de Lencastre, proibiu a construção de casas no Largo da Anunciada, “*visto que a Confraria tem conta de certa praia*” diante da sua Igreja. Grande devoção nutriu por Santa Maria da Anunciada o infante D. Fernando, duque de Viseu e Beja, governador da Ordem Militar de Santiago e pai de D. Manuel, que fez a esta Igreja e à sua confraria inúmeras doações.

Foi este medieval templo destruído pelo terramoto de 1531, sendo reedificado com toda a magnificência pelo rei D. João III. Novamente destruído pelo terramoto de 1755, onde pereceram 400 cristãos, segundo o relato das memórias paroquiais, ficou abandonado, servindo as suas ruínas como cemitério e sendo a paroquial transferida para a Capela de Nossa Senhora da Saúde. Serviu este local sagrado durante o século XIX, como taberna e armazém de redes de pescadores e residência de particulares. Sendo na segunda metade do referido século adquirido pela Companhia de Jesus, onde se construiu a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, que foi profanada e destruída a 5 de outubro de 1910. Recuperado este local, foi aqui instalado o edifício dos Correios da cidade de Setúbal, sendo mais tarde adquiridos pela Paróquia de São Julião como Salão da Juventude Operária Católica e residência do pároco da dita paróquia. Com a criação da zona pastoral de Setúbal, ficou sendo a residência do Vigário episcopal cónego João Alves, depois bispo emérito de Coimbra. No ano de 1975, com a criação da diocese de Setúbal tornou-se residência do seu primeiro bispo D. Manuel da Silva Martins e aqui foram instalados os serviços diocesanos. Serviu, depois da mudança da residência episcopal, como seminário da Diocese de Setúbal. Por iniciativa do bispo D. Gilberto Délio Canavarro do Reis, o espaço foi recuperado e serve para os serviços da Cúria Diocesana da Diocese de Setúbal.

A intervenção arqueológica foi inicialmente programada para uma campanha de sondagens prévias à construção de pilares. Foram executadas cinco sondagens, de dimensões variáveis, de acordo com o projeto de estruturas, que, sinteticamente, revelaram o expetável, ou seja, a potência estratigráfica estava calibrada entre o metro e o metro e meio de espessura. Nas variantes estratigráficas observadas nas cinco sondagens, havia, de uma forma evidente, uma correlação de contextos históricos entre

elas. Podia-se constatar as evidentes semelhanças entre camadas, de sondagens relativamente distantes entre si. Nelas apareceu um aterro típico do terramoto de 1531 e um outro associado ao terramoto de 1755. O subsolo geológico, de aluvião, ou seja, de antiga praia, de igual modo, era uniforme em toda a área.

Contudo, condicionado pelo resultado das sondagens geológicas, houve a necessidade de alterar o projeto de estruturas, passando de uns pilares a ensoleiramento geral. Tal obrigou, porquanto as sondagens haviam provado a existência de potencial arqueológico em toda a área, a realizar a escavação total do espaço, feita num prazo de tempo mínimo, somente mais dez dias do que levou a realizar as cinco sondagens, num total de 32 dias úteis (excedendo, mesmo assim, em duas semanas, o prazo consertado), para a remoção manual e mecânica, de toda a área, registar todas as estruturas, levantar todo o espólio e escavar quase uma centena de inumações, numa área de cerca de 300 m<sup>2</sup>.



Figura 1 - Escavação manual do lote. Fonte: fotografia dos autores

As corporações medievais instituíram, ou administraram, estabelecimentos de apoio aos seus membros e aos mais necessitados: albergarias, hospitais, gafarias e mercearias. Destacaram-se na administração dos hospitais medievais portugueses, as Confrarias do Espírito Santo, dependentes do Hospital de Roma, e as Confrarias de Rocamador, dependentes da arquiconfraria existente em França. Foi em 1193 que se instalaram no Reino as Confrarias de Santa Maria de Rocamador, cujos irmãos prestaram relevantes serviços nos hospitais medievais portugueses e também ainda hoje podemos

encontrar numerosas referências aos hospitais do Espírito Santo espalhados por todo o país.

A partir do século XII desenvolveram-se diferentes formas de assistência aos pobres, aos doentes, peregrinos, especialmente próximo ou no interior dos centros urbanos. Muitas destas fundações tiveram origem em doações particulares, apesar dos monarcas não terem desprezado também o seu papel no fomento destas instituições, que abrangiam três formas básicas: o hospital ou albergaria, a mercearia e a confraria.

Os hospitais tinham como objetivo primordial a recolha, por poucos dias (em regra três) de viandantes e pobres, fornecendo-lhes alojamento e alimento. Em alguns casos, acolhia também os doentes, nomeadamente os gafos, através das numerosas gafarias existentes no reino. A distinção entre albergaria e hospital só modernamente se concretizou, uma vez que tanto o doente como o pobre ou o errante integravam o grupo dos desprotegidos.

As mercearias eram instituições destinadas inicialmente a receberem indivíduos anteriormente pertencentes a estratos sociais superiores que, dadas certas alterações económicas, se viram lançados na pobreza. O seu acolhimento obrigava-os a rezar pela alma do seu fundador ou fundadores.

Estas instituições eram, na maioria dos casos, de pequenas dimensões, agrupando meia dúzia de camas, em casas que nenhuma diferença arquitetónica distinguia das restantes casas de habitação da vila. Quanto à localização, as gafarias situavam-se, quase sempre, fora do perímetro amuralhado das urbes, de modo a evitar o contágio, enquanto os hospitais tendiam a fixar-se junto a cursos de água e nas proximidades das portas da vila, próximo das vias de maior afluxo ou, no espaço contíguo a uma igreja invocativa do seu patrono.

Quanto às confrarias, parecem agrupar os membros de um ofício que, sob um intuito devocional, partilhavam laços de vizinhança, hierarquizando e limitando os acessos aos que não eram membros do mester. Entre confrades, praticavam uma solidariedade e apoio mútuos, quer durante a vida, quer após a sua morte. A sua entrada para a confraria fazia-se mediante o pagamento de uma prestação (joia), sendo o novo membro aceite, na reunião anual dos confrades. Anualmente, estavam sujeitos ao pagamento de quotas, utilizadas na manutenção da própria confraria e no cumprimento dos seus objetivos assistenciais e devocionais.

O hospital aparece-nos como uma das criações originais das cidades medievais do Ocidente cristão. A própria etimologia do termo é muito esclarecedora, não só sobre a história da instituição como também sobre a sua aceção contemporânea. A casa dos hóspedes, a *domus hospitalis*, tornou-se na Idade Média um nome, o *hospitalis*, que por sua vez vem de *hostis*, o estrangeiro. O hospital é destinado aos indigentes e aos velhos, aos peregrinos, independentemente de toda e qualquer doença.

Relativamente ao hospital da Confraria de Nossa Senhora da Anunciada, foi criado a partir do princípio cristão da prática da caridade e das obras de misericórdia, sobretudo das corporais. de curar os enfermos, dar de comer aos famintos; dar de beber aos que têm sede, dar pousada aos peregrinos e pobres; cobrir os nus; enterrar os mortos; e também rezar a Deus pelos vivos e pelos mortos. Surge-nos logo no seu *Compromisso* de origem, como tendo enfermarias para homens e para mulheres, além de um lugar para peregrinos de passagem para Santiago de Compostela, facto comprovado pela escavação arqueológica, onde foi encontrada uma concha de vieira, com dois furos, para colocar ao pescoço daqueles peregrinos, como insígnia de que tinham cumprido a peregrinação ao túmulo do Apóstolo São Tiago.

A sua ação, com a passagem dos séculos, foi evoluindo, sendo, até a criação da Santa Casa da Misericórdia de Setúbal, um dos espaços assistenciais mais importantes da vila de Setúbal. A criação da rede assistencial das Misericórdias no país, pela ação da Rainha D. Leonor e do seu confessor o trinitário espanhol Frei Miguel de Contreiras, e com o conseqüente apoio régio, em que todos os pequenos hospitais passaram para ao património das recém-criadas Misericórdias, originou que o secular Hospital de Nossa Senhora da Anunciada conhecesse um ponto de viragem e de declínio na sua ação assistencial.

Reinando D. Manuel e reconhecendo os valiosos serviços prestados por esta confraria, privilegiou o seu hospital com determinadas isenções, e determinou que a Confraria de Nossa Senhora da Anunciada se dedicasse unicamente ao tratamento de mulheres, enquanto o hospital da Misericórdia se encarregaria do tratamento de homens. Assim, os encargos daquela instituição diminuiriam bastante, embora as suas avultadas posses continuassem a ser precárias devido à grande afluência de doentes que necessitavam de cuidados.

A partir do ano de 1566, ponto de fulcral importância para a vida deste hospital, com um cobiçado património móvel e imóvel e por decisão régia, o Hospital de Nossa Senhora a Anunciada chegou a ser integrado no património da Santa Casa da

Misericórdia, mas por pouco tempo, mercê da influência da confraria junto ao rei, a quem evocaram a sua imunidade face ao poder real, uma vez que a confraria se encontrava diretamente sob o poder da Santa Sé, conforme mostraram pela apresentação de diversas bulas que atestavam a verdade das afirmações.

Continuou este hospital a sua ação do exercício da caridade, alargando cada vez mais a caridade para com as classes mais desfavorecidas da vila de Setúbal. Uma nova época se avinha depois de todo esta demanda com a Misericórdia, detentora de todos os outros hospitais existentes.

Um novo modelo de assistência e alargamento de atividade decorreu do pedido feito pelo provincial dos frades da Arrábida e Alferrara. Com a anuência da confraria, passou a ser este hospital, lugar de restabelecimento e cura dos pobres penitentes da Arrábida, ao mesmo tempo que continuou na cura de todos aqueles que procuravam alívio para as suas doenças. Foram vários os frades Arrábidos que aqui entregaram a sua alma ao criador, sendo de realçar a figura de Frei Agostinho da Cruz que, no dia 14 de março do ano de 1619, ali morreu, sendo o exposto na igreja de Santa Maria da Anunciada e o seu corpo acompanhado por inúmera gente até ao porto de mar, donde seguiu para o seu conventinho da Arrábida. Contava então com 79 anos de idade, 59 de hábito e 14 destes de eremita na Serra da Arrábida.

A ação deste hospital continuou pelo século XVIII, dedicando-se ao apoio dos doentes, com uma enfermaria para mulheres, mas sofrendo certa e total ruína, com o terramoto de 1 de novembro de 1755.

Em meados do século XIX o Hospital de Nossa Senhora da Anunciada atravessou a sua maior crise financeira de toda a sua história. A crise de um país saído da guerra civil, da extinção das Ordens religiosas e da célebre lei da desamortização, e ainda de tantos outros fatores sócio económicos, obrigaram a que o Hospital fosse finalmente absorvido pela Santa Casa da Misericórdia de Setúbal.

Durante a intervenção arqueológica foram postas a descoberto dez divisões, que se articulam entre si, acrescidas de um poço e uma área edificada mais recentemente. A estratigrafia era composta por uma realidade pós-terramotos, o de 1531 e o de 1755. Apesar disso houve indícios de pré-existências, mas em ambiente totalmente ausente de estruturas. Um fragmento de asa de ânfora de tipo Dressel 14/Lusitana 2, dos séculos I a II e um fragmento de later são os esparsos testemunhos de época romana. Um fragmento de cerâmica esmaltada a branco, com decoração a verde e manganês, possivelmente

valenciana, pode remontar aos séculos XIV e XV, bem como o que restou de uma bolsa, repleta de moedas correntes, perdida na praia, são os testemunhos medievais.



Figura 2 - Bolsa de moedas descoberta na areia da praia. Fonte: fotografia dos autores

Após o aterro de 1531, com as típicas produções a ele associados, de cerâmica de Barros Vermelhos, de produção regional, acompanhados por produções esmaltadas a branco, com ou sem as combinações a azul, os fragmentos de vidro melado e dois pequenos de reflexo metálico, todos eles provavelmente originários de Sevilha.



Figura 3 - Copo canelado de cerâmica comum com aguada, produção local, aterro de 1531. Fonte: fotografia dos autores



Figura 4 - Jarrinha cerâmica comum com aguada, produção local, aterro de 1531. Fonte: fotografia dos autores



Figura 5 - Jarro de cerâmica comum com aguada, produção local, aterro de 1531. Fonte: fotografia dos autores



Figura 6 - Prato de cerâmica comum com aguada, produção local, aterro de 1531. Fonte: fotografia dos autores

O aterro do terramoto de 1755, é predominantemente dominado pela faiança azul e branco olisiponense, pelas cerâmicas vidradas a verde e/ou melado e a cerâmica comum, de produção local.



Figura 7 - Púcaro de faiança portuguesa esmaltada a branco, produção de Lisboa, aterro de 1755. Fonte: fotografia dos autores

É do edificado mandado erigir por D. João III que temos aqui reais e importantes informações, entalado que ficou entre aterros resultantes dos arranjos dos espaços urbanos após sismos, o que corresponde ao período áureo da confraria e hospital de Nossa Senhora da Anunciada. Esta informação apareceu, mesmo assim, coartada pelos coletores de esgotos, pelas canalizações, pela construção dos alicerces setecentistas e pelos enterramentos massivos do pós-terramoto de 1755 onde, com o templo e hospital destruídos, com a paroquial realocizada na capela de Nossa Senhora da Saúde, aqui se realizaram inumações de urgência. É isso que explica os enterramentos superficiais e o enterramento que corta a divisão 2.

De um ponto de vista arquitetónico, o que pudemos observar foi um conjunto de estruturas que correspondem a parte de uma igreja e um edifício anexo. A divisão 5 é a capela-mor, sendo a divisão 1 a capela colateral do Evangelho e a divisão 6 a capela colateral da Epístola. Os numerosos enterramentos, bem como os dois túmulos, não nos

deixam dúvidas. O fosso da divisão 5 corresponde ao fosso por detrás do altar, mais concretamente do retábulo e servia para baixar e subir cenários de tecido ou tela pintada para a parte superior do retábulo. Trata-se de um tipo de estrutura que caiu em desuso, mas que era comum desde o maneirismo, podendo, ou não, dar acesso à cripta. Neste caso não dá, pois este altar-mor não a tinha na área escavada. Nesta zona e apenas nesta, podemos datar os enterramentos entre 1553 (altura em que é elevada a paroquial) e 1755, como já explicamos.

É curioso que a reconstrução da igreja, pelos Jesuítas, lhe tenha retirado a capela-mor, mas tal é explicável pelo facto de, na reconstrução da igreja, os edifícios hospitalares, melhor ou pior, já estarem em funcionamento.

Atendendo a este contexto, voltando à planta joanina, a sala 7 corresponderá necessariamente à sacristia, ao passo que a divisão 2 corresponderá provavelmente ao cartório, estruturas fundamentais no funcionamento de uma paroquial no apoio ao sacerdote, com assentos de batismo, casamento e enterramentos.

A divisão 10 poderá corresponder ao espaço de apoio, tanto para o pároco como para a confraria. É o grande salão, que corresponde à divisão 3, que liga os espaços, fazendo a divisão entre o templo e a atividade hospitalar. O hospital foi, portanto, um anexo nascente, de piso único aparentemente, do templo, mas a ele indelevelmente e organicamente ligado.

As divisões 4, 8 e 9, devem corresponder às enfermarias, onde as camas estariam contínuas. Aliás, a divisão 9, naquilo que apresenta, com uma estrutura adossada à parede, corresponderá, muito provavelmente, a um oratório, que estaria, assim, em equidistância entre as mesmas.

A separação em três enfermarias, com dimensões mais ou menos semelhantes não será de estranhar, uma vez que as enfermas e as asiladas estariam certamente separadas. O que não sabemos é se uma das enfermarias corresponderá a enfermaria pediátrica, ou antes a uma de doenças venéreas. A última parece mais provável, atendendo não só ao estatuto diminuto da criança no Antigo Regime, como ao facto de os partos serem realizados por parteiras. Quanto ao espaço a nascente, tratar-se-ia de uma área aberta, conforme ao poço descoberto, corresponderia ao *hortus closus*, um jardim anexo e murado, conforme expectável. Seriam aí plantadas plantas medicinais destinadas à botica, mas não alimentos, uma vez que não encontramos uma cozinha, o que forçosamente implica que, entre o século XVI e meados do XVIII, a vocação do hospital foi o de *nosocomia*, especializada em doenças de mulheres, ou seja, uma instituição que prestava

apenas cuidados de saúde a enfermas e, talvez não seja de excluir totalmente de crianças, bem como apresenta a vocação de *ptochia*, ou seja, de asilo destinado para receber unicamente as mulheres pobres.

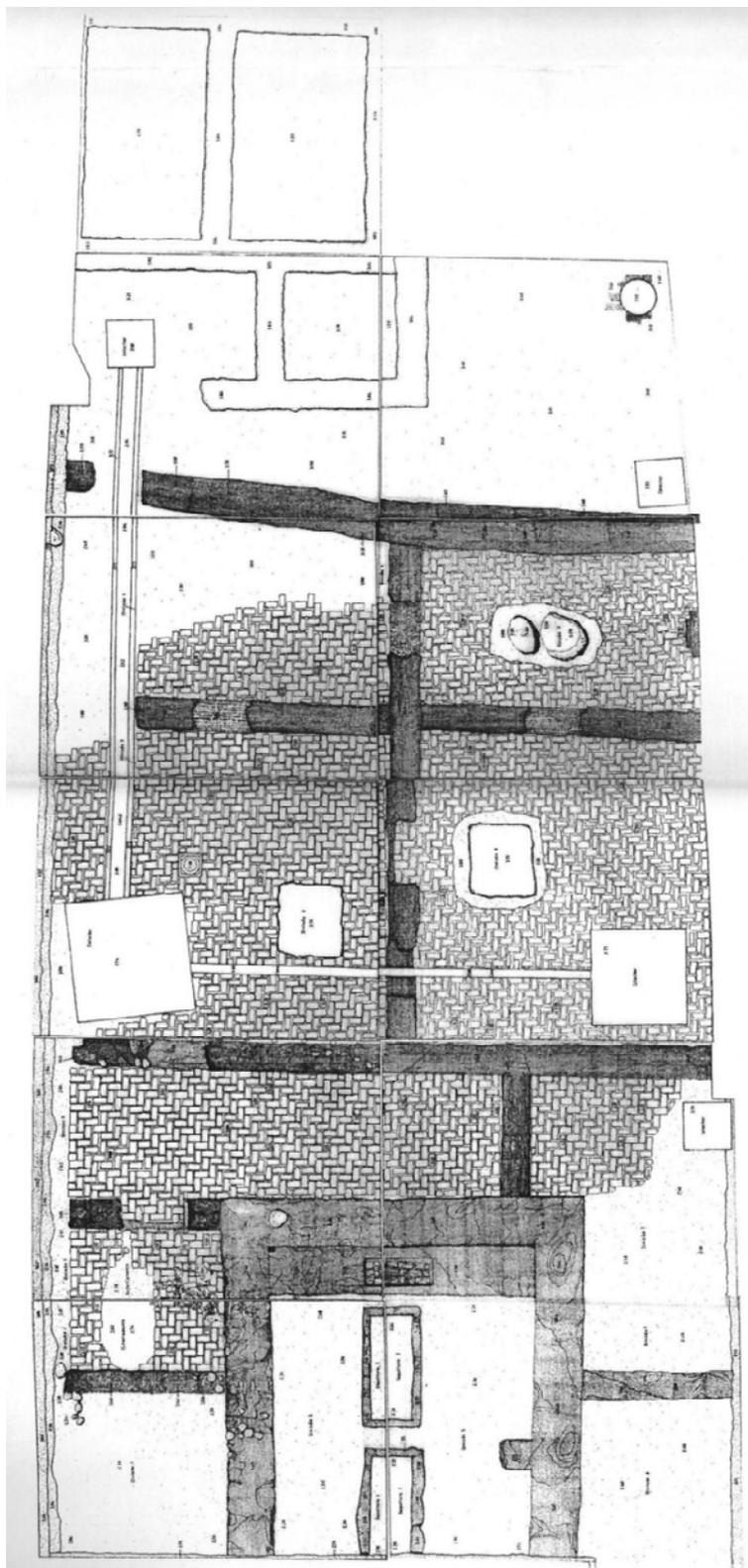


Figura 8 – Hospital da Anunciada. Planta do Hospital. Fonte: José Luís Neto

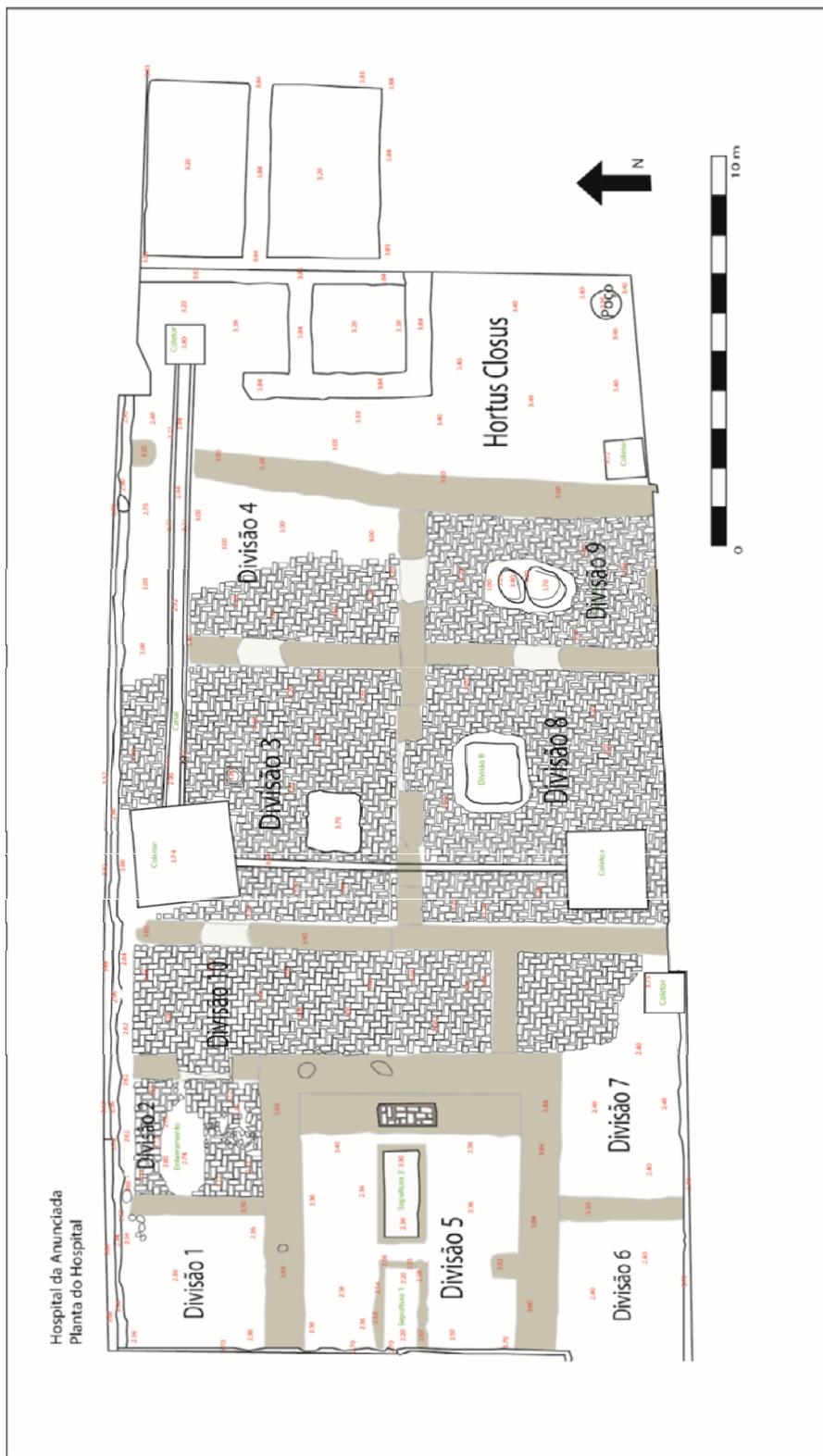


Figura 9 – Hospital da Anunciada. Planta do Hospital. Fonte: autores

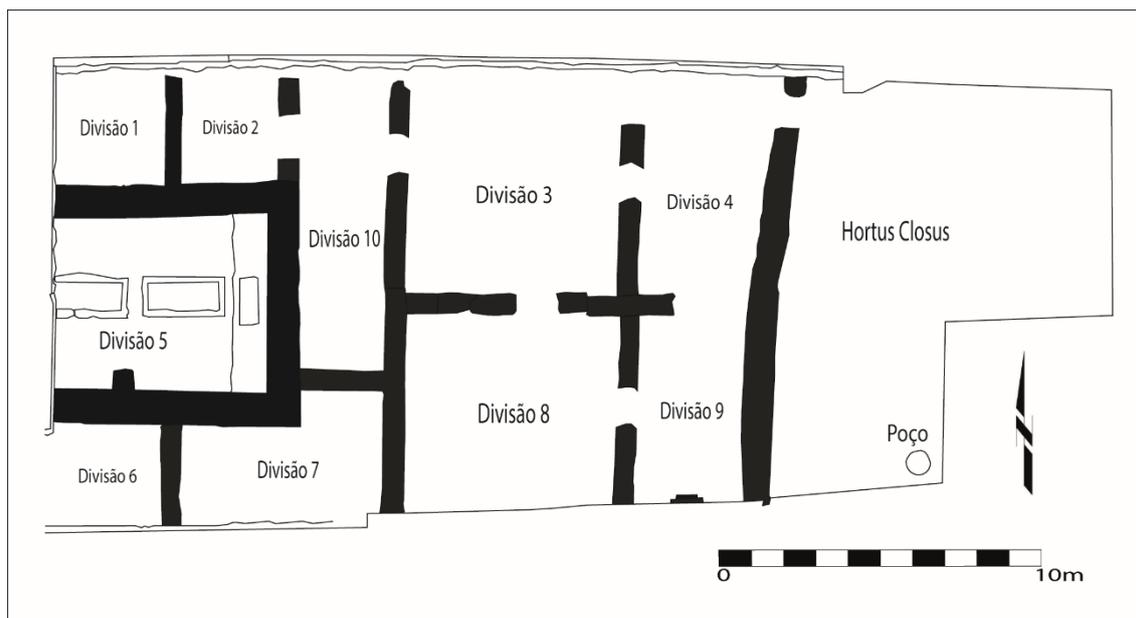


Figura 10 – Hospital da Anunciada. Sistematização interpretativa do Hospital. Fonte: autores.

## Referências

- Abreu, L. (1990). *A Santa Casa da Misericórdia de Setúbal de 1500 a 1755: aspectos de sociabilidade e poder*. Setúbal: Santa Casa da Misericórdia.
- Antunes-Ferreira, N. (2015). *Antropologia Funerária e Paleobiologia das Populações Pós-Medievais Portuguesas: Os Casos de Nossa Senhora da Anunciada e Espírito Santo*. Dissertação de doutoramento em antropologia, especialidade em antropologia biológica e etnoecologia. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Azevedo, L. G. de (1911). *Proscritos*. Valladolid: Ed. do autor.
- Braga, P. D. (1998). *Setúbal Medieval (séculos XIII a XIV)*. Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal.
- Claro, R. P. (1957). *Setúbal no Século XVIII*. Setúbal: Ed. do autor.
- Pimentel, A. (1992). *Memória sobre a História e Administração do Município de Setúbal*. Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal.
- Quintas, M. da C. (1993). *Setúbal nos finais do século XIX*. Lisboa: Caminho.
- Reffóis, M. (2006). A alimentação medieval nos hospitais Ocidentais (Séculos XV – XVII) – reflexo de uma cultura medieval. *Almansor*. 2.<sup>a</sup> série, n.º 5. Montemor-o-Novo, 99 – 110.

Santos, C. F. R. dos et al (2006). *Nossa Senhora da Anunciada. Devoção e História no povo de Setúbal*, Lisboa: Paulinas

Santos, C. F. R. dos et al (2011). Oito séculos de história sagrada, de sede de confraria a museu da Diocese de Setúbal. *Actas do Encontro Arqueologia e Autarquias*. Cascais: Associação Profissional dos Arqueólogos e Câmara Municipal de Cascais, 477 – 486.

